

Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais



Todos os anos, na memória de São Francisco de Sales, 24 de janeiro, é divulgada a mensagem do Papa para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Este ano, a celebração é no dia 2 de junho e tem como tema "Somos membros uns dos outros" (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana".

Leia a mensagem na íntegra:

Caros irmãos e irmãs,

Desde que a internet estava disponível, a Igreja sempre procurou promover seu uso a serviço do encontro entre as pessoas e a solidariedade entre todos. Com esta mensagem, mais uma vez convido-vos a refletir sobre o fundamento e a importância do nosso ser-em-relacionamento e redescobrir, na vastidão dos desafios do atual contexto de comunicação, o desejo do homem que não quer permanecer na sua própria solidão.

As metáforas da " rede " e da " comunidade "

O ambiente de mídia de hoje é tão difundido que agora é indistinguível da esfera da vida cotidiana. A rede é um recurso do nosso tempo. É uma fonte de conhecimento e relacionamentos anteriormente impensáveis. Muitos especialistas, no entanto, sobre as profundas mudanças impressas por tecnologia para a lógica da produção, circulação e utilização de conteúdo, também destacam os riscos que ameaçam a descoberta e partilha de informação autêntica em uma escala global. Se a Internet é uma extraordinária oportunidade de acesso ao conhecimento, também é verdade que se revelou como um dos lugares mais expostos à desinformação e distorção consciente de fatos e relações específicas, que muitas vezes tomam a forma de descrédito.

É preciso reconhecer que as redes sociais, se por um lado servem para conectar mais, nos presenteou em ajudar uns aos outros, para o outro também são adequados para a utilização manipuladora de dados pessoais, visando a obtenção de benefícios políticos ou econômicos, sem o devido respeito pela pessoa e seus direitos. Entre as mais novas, as estatísticas revelam que um em cada quatro meninos está envolvido em episódios de cyberbullying . [1]

Na complexidade deste cenário, pode ser útil voltar a refletir sobre a metáfora da rede inicialmente fundada como a base da Internet, para redescobrir seu potencial positivo. A figura da rede nos convida a refletir sobre a multiplicidade de caminhos e nós que garantem o aperto, na ausência de um centro, de uma estrutura hierárquica, de uma organização de tipo vertical. A rede funciona graças ao compartilhamento de todos os elementos.

Reconstruída para a dimensão antropológica, a metáfora da rede lembra outra figura cheia de significados: a da comunidade . Uma comunidade é mais forte, pois é mais coesa e solidária, animada por sentimentos de confiança e persegue objetivos compartilhados. A comunidade como rede solidária requer escuta e diálogo mútuos, baseados no uso responsável da linguagem.

É claro que para todos, no cenário atual, a comunidade de redes sociais não é automaticamente sinônimo da comunidade. Nos melhores casos, as comunidades são capazes de mostrar coesão e solidariedade, mas muitas vezes permanecem apenas agregados de indivíduos que se reconhecem em torno de interesses ou argumentos caracterizados por laços fracos. Além disso, na web social muitas vezes a identidade é fundada na oposição ao outro, o estranho ao grupo: nós nos definimos a partir do que divide e não do que nos une, dando espaço para a suspeita e a explosão de todo tipo de preconceito (étnicos, sexuais, religiosos e outros). Essa tendência alimenta grupos que excluem a heterogeneidade, que também alimentam o individualismo desenfreado no ambiente digital, às vezes acabando fomentando espirais de ódio. O que deveria ser uma janela para o mundo torna-se assim uma vitrine para exibir seu próprio narcisismo.

A rede é uma oportunidade para promover o encontro com os outros, mas também pode melhorar nosso auto-isolamento, como uma teia de aranha capaz de capturar. São os meninos que estão mais expostos à ilusão de que a teia social pode satisfazê-los totalmente no nível relacional, até o perigoso fenômeno dos jovens "eremitas sociais" que correm o risco de se separar completamente da sociedade. Essa dinâmica dramática manifesta uma séria ruptura no tecido relacional da sociedade, uma lágrima que não podemos ignorar.

Essa realidade multiforme e insidiosa coloca várias questões éticas, sociais, jurídicas, políticas, econômicas e também desafia a Igreja. Enquanto os governos buscam formas de regulamentação legal para salvar a visão original de uma rede livre, aberta e segura, todos nós temos a possibilidade e a responsabilidade de promover seu uso positivo.

É claro que não basta multiplicar as conexões, porque também aumenta a compreensão mútua. Então, como podemos encontrar a verdadeira identidade da comunidade na consciência da responsabilidade que temos em relação uns aos outros, mesmo na rede online ?

"Somos membros uns dos outros"

Uma possível resposta pode ser esboçada a partir de uma terceira metáfora, a do corpo e dos membros, que São Paulo usa para falar sobre a relação de reciprocidade entre as pessoas, fundada em um organismo que as une. "Portanto, banindo a mentira e contando a cada um a verdade ao próximo, porque somos membros uns dos outros" (Ef 4:25). Sendo um membro um do outro é a profunda motivação com a qual o apóstolo exorta a exterminar a mentira e a dizer a verdade: a obrigação de guardar a verdade surge da necessidade de não negar a relação mútua da comunhão. A verdade, de fato, é revelada em comunhão. A mentira, em vez disso, é a recusa egoísta de reconhecer a própria pertença ao corpo; é uma recusa em se entregar aos outros, perdendo assim a única maneira de se encontrar.

A metáfora do corpo e dos membros nos leva a refletir sobre nossa identidade, fundada na comunhão e na alteridade. Como cristãos, todos nós reconhecemos como membros do único corpo do qual Cristo é a cabeça. Isso nos ajuda a não ver as pessoas como concorrentes em potencial, mas também a considerar os inimigos como pessoas. Não precisamos mais que o adversário se auto-defina, porque o olhar de inclusão que aprendemos de Cristo nos faz descobrir a alteridade de uma nova maneira, como parte integrante e condição de relacionamento e proximidade.

Esta capacidade de compreensão e comunicação entre as pessoas humanas têm sua base na comunhão de amor entre as Pessoas divinas. Deus não é a solidão, mas a comunhão; é amor e, portanto, comunicação, porque o amor sempre se comunica e se comunica para encontrar o outro. Para se comunicar com nós e comunicar-nos Deus se encaixa em nosso idioma, estabelecendo na história um verdadeiro diálogo com a humanidade (Conselho Ecumênico cf. Conc. Vaticano. Vat. II, Const. Constituição dogmática. Dei Verbum, 2).

Em virtude de sermos criados à imagem e semelhança de Deus, que é comunhão e comunicação em si, nós sempre carregamos em nossos corações o desejo de viver em comunhão, de pertença a uma comunidade. "Nada, na verdade - diz São Basílio - é tão específico para a nossa natureza quanto entrar em relacionamentos um com o outro, precisar um do outro".[2]

O contexto atual nos convida a investir em relacionamentos, a afirmar o caráter interpessoal de nossa humanidade também na rede e através da rede. A fortiori, nós cristãos somos chamados a manifestar essa comunhão que marca nossa identidade como crentes. A fé em si é, na verdade, um relacionamento, um encontro; e sob o impulso do amor de Deus podemos nos comunicar, acolher e compreender o dom do outro e corresponder a ele.

É precisamente a comunhão à imagem da Trindade que distingue a pessoa do indivíduo. Da fé em um Deus que é a Trindade, segue-se que, para ser eu mesmo, preciso do outro. Eu sou verdadeiramente humano, verdadeiramente pessoal, apenas se me relacionar com os outros. De fato, o termo pessoa denota o ser humano como um "rosto", voltado para o outro, envolvido com os outros. Nossa vida cresce na humanidade, indo do caráter individual para o pessoal; o caminho autêntico da humanização vai do indivíduo que percebe o outro como rival, para a pessoa que o reconhece como companheiro de viagem.

De " gostar " para " amém "

A imagem do corpo e dos membros nos lembra que o uso da rede social é complementar ao encontro na carne, que vive através do corpo, do coração, dos olhos, do olhar, da respiração do outro. Se a rede é usada como uma extensão ou como uma espera por esta reunião, então ela não trairá a si mesma e continuará sendo um recurso para a comunhão. Se uma família usa a rede para ser conectado, em seguida, reunir-se à mesa e olhar em seus olhos, então é um recurso. Se uma comunidade eclesial coordena suas atividades através da rede, e em seguida, celebrar a Eucaristia juntos, então é um recurso. Se a rede é uma oportunidade para se aproximar de histórias e experiências de beleza ou sofrendo fisicamente distantes de mim, rezar juntos e juntos buscar o bem na redescoberta do que nos une, então é um recurso.

Assim, podemos passar do diagnóstico para a terapia: abrindo o caminho para o diálogo, para o encontro, para o sorriso, para o carinho ... Essa é a rede que queremos. Uma rede não feita para prender, mas para libertar, para guardar uma comunhão de pessoas livres. A própria Igreja é uma rede estabelecida pela comunhão eucarística, onde o sindicato não é baseado no " como", mas na verdade, em " Amém ", com a qual todos aderem ao Corpo de Cristo, aceitando outros.

Do Vaticano, 24 de janeiro de 2019

Memória de São Francisco de Sales

FRANCISCUS

[1] Para conter este fenômeno, será estabelecido um Observatório Internacional sobre o cyberbullying baseado no Vaticano.

[2] Regras extensivas , III, 1: PG 31, 917 °; cf. Bento XVI, Mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações (2009).

